

# Cultura negra ganha centro de memória e documentação

A cultura negra conquista mais um espaço, desta vez na Leopoldina: em reconhecimento à grande contribuição do negro na formação da sociedade brasileira, a prefeitura criou o Centro de Memória e Documentação Afro-brasileira, no antigo Centro Cultural José Bonifácio, na Rua Pedro Ernesto 80, na Saúde. A idéia é recolher materiais dispersos da cultura negra, fichar documentos existentes em acervos particulares ou institucionais, incentivar a produção e a pesquisa da cultura dos afro-brasileiros e socializar o reconhecimento das artes negras no município do Rio de Janeiro.

O projeto — que terá como patrono Aniceto Menezes da Silva, um dos portuários mais antigos e conhecidos da região, já com 80 anos — nasceu da antiga Divisão de Cultura Afro-brasileira da Secretaria municipal de Cultura, quando a então diretora do departamento, Adélia Azevedo, o elaborou e o passou para o papel. Desde que foi aprovado pelo prefeito, começou então a busca pelo espaço próprio, que acabou em um decreto em dezembro de 1991, publicado em Diário Oficial, entregando o prédio do já quase desativado Centro Cultural José Bonifácio para o novo Centro de Cultura.

No último dia 14, Adélia, atual diretora geral do novo centro, com sua equipe, fez a ocupação oficial do local, não sem antes redigir e distribuir uma carta aberta aos moradores dos bairros de Saúde, Gamboa e

Santo Cristo explicando o que é o novo centro:

— Fizemos cerca de mil cartas e passamos de porta em porta distribuindo, porque queremos uma participação popular efetiva em nossas atividades. Queremos que as pessoas sintam-se à vontade não só para aparecer, como também para dar sugestões e críticas, inclusive as crianças e os adolescentes da região, que tendem a ser um pouco problemáticos. Queremos trazê-los para cá.

Se todos os planos forem levados adiante, programação é o que não vai faltar. As idéias de Adélia são muitas. Antes de mais nada será instalada uma biblioteca temática especializada em cultura negra — a princípio integrando o acervo de mais de 500 volumes da Biblioteca Carolina Maria de Jesus, que também deverá emprestar seu nome ao novo acervo, e a Biblioteca do Rio Comprido — uma sala de vídeo, diversas oficinas culturais, oficina de teatro com leitura de obras do teatro negro e aulas de cenografia, iluminação; transformação do auditório já existente em um pequeno teatro para a comunidade em horários alternativos; cursos de capoeira; gravação de documentários com antigos moradores da área para preservação da memória do bairro; uma galeria de arte, e uma cozinha com um mini restaurante com comida típica brasileira a preços acessíveis, além de várias atividades de lazer e eventos culturais.

Continua na página seguinte

